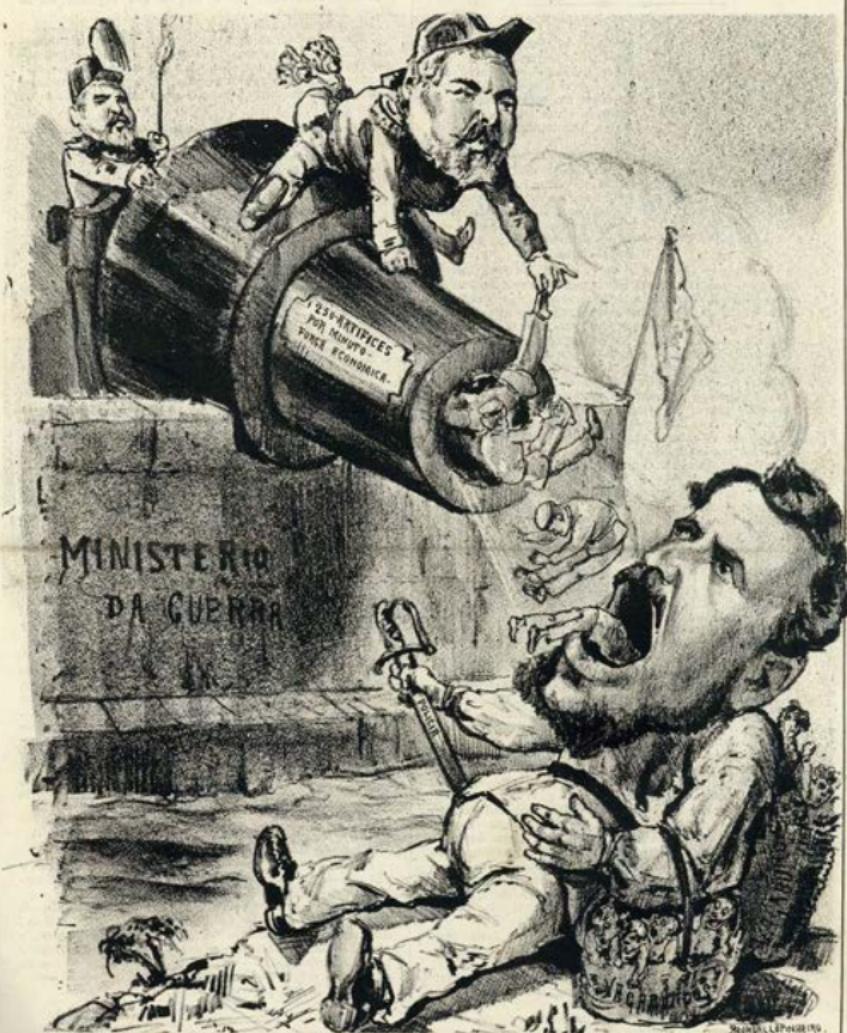


A POLITICA. - Um tiro economico.



Artifícios que caem como Vagabundos nas gueiras do Ogre, o Tutti dos ministros. Que boa digestão!!!
 Uns não gostam de miminhos, outros é o seu fraco. Olhem que caso!
 O vagabundo será a substituição da escravatura que acaba?
 Economias de dinheiro que redundam em prejuízos de moral.

A. S. M. Imperador.



em todo o acatamento constitucional e dedicação monárquica, o Besouro encolle as suas dezelas azuis diante do trono de vossa magestade, para apresentar-vos um vóe de sublito leal e um zumbido de amigo fiel.

O Besouro tem-se na conta de um inseto ordering, cordate, discreto. Ama a vossa magestade como o heliotropo, o leste gira-sol a que o povo liga supersticiosamente a virtude de preservar das febres e das malignas.

Esse ofício obriga-o a umas solicitudes superiores ás dos vossos vendedores, camarátias, ministérios, particulares e credores da galáxie branca, e o Besouro não pôde deixar de discravar a verdade, a santa verdade, timida diante dos reis.

E o caso que vossa magestade na Quinta-feira maior deliberou passar, cercado de archeiros e altas dignidades do palácio, fazendo desta sorte concorrência á immobília dade do Christo morto.

O povo, que devia ir á igreja adorar reverentemente o seu Deus — o martyr da sua emancipação moral — atirado pelas rompas de vossa magestade e do vosso sequito, saiu para a rua a fazer-vos acompanhamento.

O passo de vossa magestade, portanto, longe de ser realmente um estímulo á devoção é pelo contrário uma causa de quebra do recolhimento religioso, que o povo devia no dia allusido.

Quando vossa magestade entrava em alguma igreja, os fieis que ali estavam, desviavam imediatamente o olhar dos altares para fixar-golosamente na vossa farda, na vossa figura, na vossa alta posição.

Assim pois, vossa magestade, querendo fazer um bem á religião do estado, não consegue senão fazer-lhe mal.

Deus, unha. Ou vossa magestade entra em Quinta-feira maior por sentimento religioso, ou vossa magestade passaria para exhibir-se, fazendo concorrência ás decorações e iluminações esplendorosas dos templos.

No segundo caso, vossa magestade faz mal abatendo assim o trono até os damascos reles e as velas de céra falsofidas.

No primeiro caso, vossa magestade faz ainda mal, porque, patenteando-se sumamente religioso, impede pelo exemplo o aceleramento da evolução científica, instantaneamente reclamada, e que deve substituir a concepção moral das teologias pelas certas e civilizadoras leis da moral sociológica.

Esta conclusão é mais difícil de ser aceita. Vossa magestade quando viajava pelo universo, adquirindo todas as virtudes do rapé Paulo Cordeiro e de um rei instruído, declarou-se darwinista.

A declaração espontânea de vossa magestade obriga a um certo numero de princípios positivamente antinômicos ao incenso das sacrifícias e á guerra benta das piadas.

E' preciso que vossa magestade seja uma personalidade irredutível, visto aqui ou na China, em Itú ou em New-York. Isto de ser católico na Igreja de S. Francisco e darwinista no palácio da Exposição de Philadelphia — é uma pulha maior do que a Constituição que nos rege.

O espírito de vossa magestade equaliza-se desta sorte ao corpo de um *messias*; em a gente pegando para dentro e val-se.

Dous coisas são impossíveis de harmonizar neste mundo: — a casta e a meseria; é força tomar partido por uma ou por outra.

Um católico, baixo de estatura e robusto de fé, gritou uns dizes nas páginas de um livro, que pouca gente leu, mas que tinha espírito: ou bem papista, ou bem comunista.

Cabe-me paradiar o dito, o *mot d'ordre* dos zuavos do Syllabus, dos *hussards* da aguia de Lourdes, e exclau-

mar com um zumbido reverente: Senhor — por Darwin ou pelo bispo Lacerda; ou a *Origem das Espécies* ou as *Horas Marianas*.

E' preciso decidir-se.

Em todo caso salva vossa magestade que com o passo religioso não consegue arrancar a fé, mas incomodar sua magestade a Imperatriz. O passeio de vossa magestade com o apparato sequito, alumiado por tochas e arcoetes, consegue simplesmente — substituir a procissão de fogareus.

ZUMBIDOS.



ra até que afinal realizou-se a entrega da celebre mitra e do famoso álbum, oferecidos ao Sr. D. Pedro de Lacerda por toda a população católica do imperério, da província... ainda não é isso: do município neutro e ilhas adjacentes — a des Ratos inclusive. E dizem que foi uma festança... *

Mas como não ha festas sem tristuras, aconteceu que no dia da entrega houve uma verdadeira entrega da parte dos Srs. membros componentes da comissão, que brilharam pera sua ausência, á exceção do Sr. Dr. Souza Reis, que por isso mesmo ficou sendo o rei da festa.

Pudera! Na terra dos cágicos... *

Este facto, á primeira vista naturalíssimo, parece que o não é inteiramente. Pois é crível que a mesma cólica — elle de certo fol cólica — que affligiu o philósofo Sr. Ferreira Viana, o orador da comissão, se manifestasse logo e simultaneamente nos outros membros — da dita comissão, está bem visto — os Srs. Conselheiros Araújo Lima, Austran e Figueira de Melo, o Vira-Cópo?

Eis aqui o caso em que só nos pode valer o archimassante estríbillo da *Gazeta*: O que dirá o *Apostolo*? *

Se não foi cólica a molestia da comissão, n'esse caso é forçoso que reconheçamos, nós e mais o Sr. bispo, que o fervor religioso o creouz ultramontano d'aqueles cavalheiros estio se tornando um tanto problemáticos... E o Sr. bispo deve por isso tratar de chanal-o, como bomo pastor que é, no caminho da verdade, antes que d'ahi se afastem inteiramente.

Elles sempre lhe são utéis, pois como diz o proverbo, nada ha de utilit sobre a terra — nem mesmo as nossas duas importantes instituições intituladas: Observatorio Dramático e Conservatorio Astronomico.

Inuteis, isso não são.

O que vale o Conservatorio... Isto é materia velha, e não convém agora moer com os Lazaristas, que venceram, como sempre.

Quanto ao Observatorio, esse ainda n'estes ultimos dias tem demonstrado suficientemente a sua utilidade, dando-nos a consoladora e grata notícia que choverá e muito — na vespere, vind o gente a concluir d'ahi e muito naturalmente — que foi por isso que se molharam n'esse dia, o guarda-chuva e as galochas de que se sahra mundo... E' um poço de scienzia, o Observatorio!

E' verdade ainda não está muito habilitada aquella repartição, e por isso ainda não são completas as observações que ella diariamente envia aos jornais: é por essa razão que, n'aquellos dias ella não se explicou suficientemente a respeito do que choveu sobre esta cidade... Apenas

o modesto e recatado Observatorio anima-se a manifestar a timida suspeita aos que o interrogam a respeito, que o que chevem — foi agua.

Profunda e sanguinosa repartição! E' pena que as suas interessantes e indispensaveis observações meteorológicas só aproveitem a nós os habitantes d'este grande município, heroico, leal — e neutro!

E' a ella que devemos a satisfação de nos certificarmos, vinte e quatro horas depois, se o que na respeira nos molhos o fato foi o suor — ou a chuva. E se passamos por uma rua, e repentinamente nos sentimos inundados por uma matéria líquida — o que sucede por ali muito frequentemente — é só ter-se um pouco de paciencia e outra roupa enxuta, para esperar ate o dia seguinte: procure-se a *Gazeta*, vai-se diretamente ás importantes observações meteorológicas, e fixe-se logo sabendo se o que nos ensopou a camisa, foi agua de chuva — ou alguma secreção corporal, amoniacal.

Já se vê que dispõe de um numero considerável de pretestos aquella instituição, que apenas custa ao Estado umas dez duizias de contos de réis annualmente: é o que se chama um ovo por um real.

D'ahi vem a importancia que têm para o público as observações meteorológicas, imprescindíveis e indispensáveis em todos os jornais, como no *Crusado*, imprescindíveis e indispensáveis são os artigos de fundo diariamente.

E' que o Observatorio Astronomico além de tudo é Imperial — o que a ainda mais prova a sua utilidade realmente grande: talvez tão grande como a circulação do Apostolo.

Ora se é...!

D. DA FONSECA.



Ao L. da «Gazeta.»

AS BOTAS DE ELEAZAR.

LENDA.

Foi depois de um bom jantar que Eleazar, empanturrado, foi sentar-se à beira-mar.

E o mar rugindo, irado, stirava à praia uns par de botas — tão rotas!

E Eleazar, empanturrado e inspirado, pregava no crânio ardente, — à beira-mar, uma sola e um pino quente, para se botas a pensar.

Aquellas botas — tão rotas! batidas de vento e mar!

E Eleazar, empanturrado e inspirado dos camarões do jantar, chylo fresco e stylo ardente, bota história e caldo quente n'um *Pur de Botas* — sem par.

JEREMIAS.

Qual é o maior defeito do «Primo Basilio?»

Eis aqui uma questão difícil de responder! Para uns, tem este romance de Eça de Queiroz todas as bellezas.

Para outros, todos os defeitos.

Um censuraram-o, pela immoralidade.

E outros fallam d'ele sem elogiar nem deprimir, que é o costume dos que querem passar por críticos, sem se aguentarem com os contrários do officio.

Em todo o caso o que se pôde desde já dizer do *Primo Basilio* é que perante os colegas romancistas tem esta obra o maior das defeitos que um romance pôde ter nos seus olhos — o de esgotar-se a edição em pouco tempo!

Os romancistas, que não descem ás insignificâncias do estudo da natureza, que entendem que ter talento é fazer virar a imaginação pelas rugosidades do impossível, que dedicam todo o seu estudo, todos os seus cultos, toda a sua vida a traduzir personagens dos países estrangeiros para os fazer passar pelas ruas do Rio de Janeiro, disfarçados uns brasileiros, — não virão em Eça de Queiroz essa qualidade, que é a melhor garantia da evolução artística e literária do século — a tendência para a veracidade.

Só o que viram, é o que não tinham visto com os seus romances.

Ao passo que o *Primo Basilio* se alastrara por todo o Brasil, os romances feitos segundo as regras da arte, os romances disciplinados, os romances académicos dormiam o sono solto do esquecimento, mas empodradas praticamente dos martyres da literatura correcta e oficial.

Ora isto não é tolerável! Pintar um tipo de primo Basilio grosseiramente e toscamente.

Carregar exageradamente os traços da criada Julianas. Fazer um romance incongruente e com duas actuações.

Desenhar essas figuras tão incorrectas e vender exemplares de tão aleijada obra aos milhares!

Isto não se tolera!

E contudo esta aceitação que tem tido o *Primo Basilio* é perfetamente justificada.

Escrever romances como Octave Feuillet é seguir nas pegadas de Marivaux, bon ancião, mas o que pôde ser um bom escríptor d'esta ordem? Um Feuillet 2.º — ou ainda mais — suma etiqueta falsa d'este autor!

Quem imitar Camões, será Camões 2.º, e quem usar de identico processo para com os outros autores ficará sendo: Alphonse Karr 2.º, Alexandre Dumas 3.º, etc etc.

Ora o Sr. Eça de Queiroz, é tozen, é incorrecto, é grosseiro, é obsceno; mas o que ninguém lhe pôde negar é que elle seja Eça de Queiroz 1.º

Ora o nosso publico cansado de aplaudir — Talentos 2.º — plebeia infinita que infesta, ha tanto tempo as literaturas brasileira e portuguesa, achou um romance com um cushion de individualidade, agarrou-o a elle com unhas e dentes, devorou-o, com o apetite unico com que se almoça na relva; — embora comer de cocoras no chão seja muito mais incommodo do que sentado n'uma cadeira, perto de uma boa mesa elástica.

A individualidade no quadro, na partitura e no livro é tudo.

Por ella está Rembrandt ao lado de Julio Romano, Gounod ao lado de Donizetti e Guerra Junqueiro ao lado do Visconde de Castillo.

Com a diferença que um traço de Rembrandt, um acorde de Gounod, e um verso de Guerra Junqueiro ilheram tanto ruído, com menos fadiga, como um quadro de Julio Romano, uma ópera de Donizetti ou um poema do Visconde de Castillo!



THEATRALOGIA POLITICA. — FAUSTO. — Acto 3.^o, Scena 6.*

ARIA DAS JOIAS — OU ARIA DAS EMISSÕES.

Enfalte-se com o collar, com os braceletes etc. Vou pôr estas joias que tem tão lindas rubis, e o esplêndido rosicler, tão rico e tão gentil.



BICHOCLOGIA POLITICA. — Uma teia sobre capim.

Ao primeiro ralo de sol depois das chuvas, elle, o carnoso, coloca-se á altura de um princípio.....económico

Qual de todas as economias seck a primaria a embaraçar-se na enredada teia?

Serão todos os insectos? — É esse o arrependimento.

*

Mais vale um verso novo, embora mal alinhavado, do que um cento de velharias poéticas alinhavadas como pelejo de tropa de linha.

O *Primo Basílio*, tem defeitos e grandes; possue todos os predicados exagerados dos que vêm apostolar uma ideia nova.

Como na política, na literatura e na arte, é necessário plantar as sas doutrinas, com exageração e excessos revolucionários.

O Srz. Eça de Queirós poderá escrever mais romances n'este gênero; mas fique certo que na opinião dos seus colegas só terá escrito uma obra monumental, quando ella ficar, como um monumento, encarapitada nas alturas da 5.^a prateleira de um Belchior.

DR. CALLADO.

Uma pergunta inocente

(Estilo de moça)

O *Cruzeiro*, a folha diária que rivalisa igualmente com o *Jornal do Commercio* na quantidade e na qualidade dos artigos de fundo, publicado em um d'estes, ha poucos dias, uma conselho particularmente dirigido aos rapazes c' da terra, nos quos que se atiram ao estudo das literaturas e de outras coisas inúteis. (É claro que o *Cruzeiro* não pensa que a nossa repazida dásé á util distração de estudar os artigos de fundo d'ele *Cruzeiro*).

E o conselho: que os moços devem abandonar os estudos propriamente literários, e entregá-los exclusivamente ás ciências positivas, ás questões económicas, ás relações jurídicas; mas ainda, e principalmente, não devem ocupar-se da preferência de fórmulas de governo, e de fazerem sacrifícios pela fórmula liberrima, que julgam a melhor.

Demais—é ainda o *Cruzeiro* quem falla—por ser liberalíssimo um governo, em nada se pode adiantar o progresso de um povo—tanto que o velho Fichté despediu um dia os seus alunos, porque a pátria estava em perigo. E et cetera e mais algumas coisas.

**

A mocidade deitou-se a pensar sobre o caso, e viu que o *Cruzeiro* não é mais do que um cruzador da literatura, a qual na sua suspeita opinião não vale nada—nem mesmo um cruzado novo; e por isso a mocidade julgou no direito de não aceitar o conselho, visto que nos seus fundamentos elle carece inteiramente de razão.

Parece mais á mocidade, que n'aquele dia o que precisamente faltou ao *Cruzeiro* não foi razão—foi assunto. Outro motivo para suspeitá-la da competência do conselho.

**

Mas em todo o caso, a mocidade não é mal-agradecida; ella reconhece os bons desejos do *Cruzeiro*—e os apertos em que a gente se vê ás vezes por falta de assumpto para os artigos de fundo.

Por isso, e para demonstrar o seu profundo respeito pelo *Cruzeiro*, que falla como um pímpio n'estas coisas de literaturas, ciências económicas e governos livres que nada interessam ao progresso dos povos; por isso, a mocidade anima-se a fazer ao *Cruzeiro* a seguinte pergunta, indiscreta é verdade, mas de cuja solução dependem as ciências positivas, as questões económicas, as distinções literárias, as relações jurídicas, e as fórmulas liberrimas de governo. Diga-nos o *Cruzeiro*—e depressa:

— Onde está o gato?



D. DA FONSECA.

Meditação de um pinto.

Elle pôiu entre a sua gosma.

A verdade é esta: eu estou no mundo político por favor de um cão. Criei-me sob as suas asas, desenvolvi-me gracas ao seu calor propício.

De repente vi-me com um sacco de milho do orçamento à disposição da minha moela. O que fazer?

Ser farto ou ser económico: *tis nobler in the mind*?

Ha um pensamento grandioso na vida: má Maria vai com as outras. Ora eu sou simplesmente um pinto.

Quando puseram-me na pirâmide do poder, querendo á força que fizesse tanto efeito como o gallo no vértice da torre de S. Francisco, disseram-me este discurso que me fez medo:

**

—Pinto, disseram-me: este paiz ou melhor este terreno em que tu também maricas, está n'uma penuria. Elle precisa muito de ajuntar algum cobre, polo n'uma cadereta, levantando-emfim á altura da abastança:

Elle está como um perú friorento; com a crista caibida.

Ha doenças inesperadas, necessidades imprevistas.

Uma delas é — a liberalité.

Tu não sabes o que é a liberalité, mas é bom que saibas:

E' uma molestia que fez com que o proprio capão, que te criou, precisasse de uma ajudinha... de cestas excelentes, quando teve de ir celebrar um tratado de aliança lá para o Rio da Prata.

Mas tu nem calculas como a terrível molestia apparece. E' com uns symptomas especiais, uns d'elles com o nome: — economia.

Ha duas coisas impossíveis de serem resistidas: uma á colica, outra é um ministerio económico. Pinto, sé forte.

Converte a tua gosma em sistema de poupança; decreta a avaricia política e afasta-te por ella.

Qual será o outro meio pelo qual tornes-te saliente?

Considera.

Um Pinto é sempre um pinto. O que fez o que da vez passada, estere no imperio? economias. Logo a economia é a lei dos pintos.

Puseram-te na marinha; quizeram-te pinto molhado. Sé forte, sé energico, tens por ti uma grande desculpa: o cerebro dos pintos não tem grande fortaleza.

**

O pobre do gallinaceo pegou então de si e poze-a a meditar. Começa pela economia, sejamos económicos.

Aba de questões em sou o que meu capão quer que eu seja e elle fallou-me de economia,

Consiste esta em um pinto reflectido conservar o que tem para si, e tirar dos outros o mais possível, chamá-se-a isto salvar o paiz — figura parlamentar porque se diz isto.

Sejamos lógicos como um gallinaceo novo. Dirão talvez de mim: quem nunca comeu milho, quando come se engasga. Aíla a assim.

Se eu me fizer notável, tenho conseguido um fim. Cozinham-me embora no caldeirão da anarchia.

Mandaram-me para a marinha assim como podiam ter-me feito inspetor de quartelaria.

Um inspetor prende a torto e a direito, um pinto ministro deve demitir pelo mesmo sistema.

Vou demitir todos.

No fim de cada demissão, direi: — são mais tantos grãos de milho para o sacco do orçamento.

Ninguém vir-me-ha tomar conta.

O primeiro passo, alta revelação do tino do nosso chefe, foi inaugurar a situação mettendo o Gaspar... no ministerio.

Ora todos sabem que o Gaspar é bichinho para deixar os jardins públicos sem gramma. E' um damnado.

Assopra o parlamento, o saco do nossos antecessores, assim como quem assopra a cinza do cigarro que nos cabia sobre o papel em que escreviamos.

Não temos, pois, quem nos tome conta.

Os que vierem para o nosso parlamento serão de boa

paz; tudo pelo toque do Fernando Osorio. Com um frasco de perfumaria e umas sofrés temolos na mão, segurosinhos da silea.

Vou portanto, demitir, desde os velhos até as cresças. Os velhos serão convertidos em miseráveis — para a fraqueza eleitoral do que precisamos; as crianças serão outros tantos embryões de ríos de polícia.

E o que não serve.

Grite quem tiver pulmões.

Nós temos e teremos o bom senso de cortar em tudo, menos no exercito e marinha.

Com soldados às ordens tudo se arranja.

Oh! Eu preciso de expandir-me, depiar alto. Se a Providência não me der forças para ser gallo, ao menos morreré pinto famoso.

BOM, O MALUCO.

Correio dos Theatros

Bem diziamos nós ser impossível que a actriz Lucinda Simões se resignasse à pra casa, como qualquier *Fot-meu-feu*, abandonando cá fôra as ovacões da turba.

Foi no sábado de Aleluia, dia de duplo jubilo para esta população católico-dramática. De manhã feita na Egreja, á noite festa no Cassino, n'quelle não menos venerável templo da arte.

Seriam 9 horas da noite, quando Lucinda apareceu em cena, para conversir com Furtado Coelho. Apenas o público a percebeu, sentiu-se na sala o fremito de um grande prazer, de uma sensação, senão nova, pelo menos não experimentada havia muito tempo.

Representava-se o *Demi-Monde*.

Lucinda e Furtado Coelho continuaram a cavaquear com espírito durante os magníficos cinco actos da peça, cavaço, que apenas era interrompido, e algumas vezes inconvenienteamente, pelos Srs. Torres, Araújo, Galvão e a Sr.ª d'Alberny.

E o público continuava contente, quasi pulava nas cadeiras e o teria feito, se nôs fosse o recelo de interromper o dialogo.

— Está cada vez melhor artista!

— É verdade! Até faz incrivel que se represente desta maneira na língua de Límo de Assumpção!

— O que eu acho é mais desfeita!

— Pudora! As fribes!

E não se ouviam d'outros diálogos, que ficavam suspensos, quando entrava a Sr.ª d'Alberny exhibindo esplêndidas *toilets*.

Assim correu a peça até ao final, em que a Sr.ª Maria Adelalde, empunhando um magnífico *bouquet*, velo á arena dos seus triunhos e chela de comemoção, e cercada pelas suas companheiras, passou o referido *bouquet* ás mãos da festejada, acompanhando tão florida offerta com um beljo, que abriu exemplo a muitos outros que se seguiram.

Um malicioso disse que eram beljos de sábado de Aleluia.

O público entôz quasi dellros, ou não, deliro completamente. Bateu com as mãos, acenou com os chapéus, e teve de abrir os guarda-chuvas, porque a natureza querendo associar-se a tão justa festa, havia resolvido manifestar o seu jubilo, por algumas lagrimas grossas.

E assim se passou a festa da volta da actriz Lucinda.

Que seja por muitos annos e bons, em companhia de quem mais estima.

Uma boa pilheria ouvida indiscretamente na noite da festa, á actriz Adelalde Pereira.

Dizia ella a um vizinho de plateia, que estava, como todos, muito regozijado pela volta da actriz Lucinda:

— É verdade! Eu também estou muito contente.

Nós, lá dentro (no palco) andavamos já muito atra-palhadas. Com a ausência da Lucinda, *eramos* obrigadas a fazer todos os seus papéis e *estavamo* todas *descalçadas*!

Descolcadas!

Hom'essa!

Outra novidade do Cassino é a proxima representação dos *Lazaristas*, d'aquella celebre peça que tantas entulhadas arrecetou para o lombo de alguns livres-pensadores, que queriam fazer a Revolução!

Por enquanto ainda não podemos apreciar bem esta *retirada* do Conservatório.

Esperamos os luminosos pareceres d'este anno contradizendo os não menos luminosos de ha tres annos.

Ainda assim os *Lazaristas* já ofereceram ensaio para uma brillhatura do *primeiro actor comic nacional*. Dirligiu-se ao *Apostolo* e perguntou-lhe se os padres *Lazaristas* sabiam gramática... porque enfim não queria errar o seu papel.

No Pedro 2.º estreou uma companhia de artistas da Guarda Velha.

Lá temos o Barbosa, o Martinho, o Pedro Joaquim e a Adelalde Amaral.

Bom'drama foi o da escolha.

A nós aconteceu-nos exactamente o que disse o programma:

Prólogo — Sensação!

Segundo acto — Sensação!

Terceiro e quarto — Sensação!

Quinto acto :

Dilatação de todas as sensações dos actos precedentes e principalmente do acto da saída!

Que sensação!!!

Aos entusiastas do « Primo Bazilio »

Damnados! Incensos do vício — a bella obra! E se um dia a mulher — ou mesmo vicas filhas sentirem o veneno e os olhos d'esa cobra, — empurráreas a rir — ás torpes camarilhas, — á taça — ao vinho — ao fumo — aos fôrios como vós, — Enthusiastas vís da escolha do cynismo!

Na vaga inspiração dos Eça de Queiroz, prostituir o lar, também — é realismo.

UM BOM GUARDA NACIONAL.

Aos maldizentes do « Primo Bazilio »

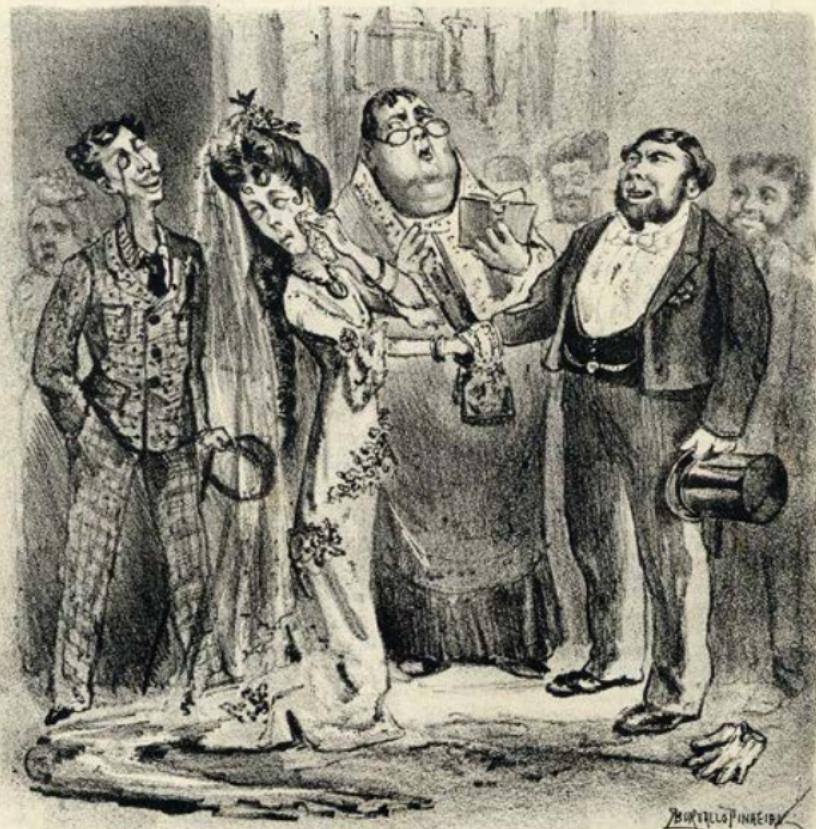
Beijamos do escriptor a nobre, a bella obra, nós que temos o amor do lar, ás nossas filhas, mandom-las cuspir no vírus dessa cobra que de que vós vós servis, *jeauplures* de camarilhas; e, como ensinamento a uns primos como vós, fazemol-las calcar Bazilos de cynismo.

Na santa inspiração de um Eça de Queiroz, o vício prodigar — é o grande realismo.

UM BOM PAI DE FAMILIA.

LITTERALOGIA

CASAMENTO DO COMMENDADOR MOTTA COQUEIRO E DI YÁ-YÁ GARCIA.



M. B. PINHEIRO

No momento em que Yá-Yá Garcia e o Sr. Motta Coqueiro recebem a voz, dada pelo bojudo medi-neiro dos idealismos, cai, como um raio junto aos conjuges o Primo Basílio que, tendo engatado em sensações novas toda a borracha do Paraguai, volta a explorar a borracha do Pará esperando igual exuto. Ao ver, porém, Yá-Yá Garcia casando por conveniencia com Motta Coqueiro, homem que apenas se prende ás sensações do seu negocio, embeve-se no tranquillo olhar cór de rosa onde se refletem os azulados raios da argentea lua; e suspenso em extasis das aureas e vastas madeixas cór de cenoura da poetica Yá-Yá, atira para trás das costas a borracha do Pará e diz:

Estava transviado! Estou confundido. — Esta Yá-Yá é quem me vai dar sensações novas! Olaré!